



## Apocalipse 10: bases textuais para a consolidação de uma memória adventista a partir de seu evento fundante<sup>1</sup>

Revelation 10: textual basis for the consolidation of an Adventist memory from its founding event

Fábio Augusto Darius<sup>2</sup>

Rodrigo Follis<sup>3</sup>

**Resumo:** O adventismo do sétimo dia nasceu de um movimento liderado anteriormente por William (Guilherme) Miller, o qual apregoava que Jesus Cristo voltaria à Terra perto do ano de 1844. Como, logicamente, Jesus não regressou, os membros remanescentes daquele movimento buscaram uma resposta para esse desapontamento. Aqui entra em cena Apocalipse 10:9-10, que narra a história de um pequeno livro que era “doce como mel” na boca do profeta, mas “amargo no estômago”. Tal profecia foi interpretada por esse movimento como se referindo ao acontecimento de 1844, dando-lhes uma memória fundante. Dentro desse contexto, o presente artigo se debruça sobre tal história e teologia para entender como se processaram tais transformações, construindo-se as fronteiras identitárias que ainda formam e dão significado a esse grupo. Para tanto, buscam-se nos estudos das memórias instrumentalizações para entender tanto a história como a interpretação teológica de tal texto.

**Palavras-chave:** Apocalipse; Daniel 8; Memória; Adventismo; Evento Fundante.

**Abstract:** Seventh-day Adventism was born out of a movement previously led by William Miller, who preached that Jesus Christ would return to the earth around the year 1844. Since, of course, Jesus did not return, the remaining members of that movement sought an answer to this disappointment. Here we come to Revelation 10:9-10, which tells the story of a little book that was “sweet as honey” in the prophet’s mouth, but “bitter in the stomach.” The movement interpreted this prophecy as referring to the event of 1844, giving them a founding memory. Within this context, the present article focuses on both history and theology in order to understand how these transformations took place, constructing the identity frontiers that still shape and give meaning to this group. For this purpose, instrumentalizations are sought in the studies of memories in order to understand both the history and the theological interpretation of that text.

**Keywords:** Memory; Book of Revelation; Adventism; Ellen White.

---

<sup>1</sup> Recebido em 30 de novembro de 2021. Aceito em 02 de junho de 2022 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

Este material foi inicialmente pensado como parte da tese doutoral de um dos autores. Após a defesa, ele foi trabalhado e reconfigurado a quatro mãos, gerando-se a presente versão. Em muitos pontos essa versão se assemelha à anterior, mas aqui existem pontos fundamentais que foram repensados, rearticulados, expandidos e até mesmo resumidos. Sendo assim, considera-se este artigo um novo documento em comparação com o anterior.

<sup>2</sup> Doutor. UNASP. E-mail: fabio.darius@unasp.edu.br

<sup>3</sup> Doutor. UNASP. E-mail: rodrigo@follis.com.br



## Introdução

Para iniciar nossas discussões, abordaremos a relação entre os conceitos de cultura e memória e como isso ocorreu de maneira sócio-histórica dentro do movimento adventista. Assim, discutiremos como se deu a rearticulação de Apocalipse 10 como parte do processo de criação de uma “nova” identidade adventista que, ao precisar justificar um erro do passado, não o abandona, mas o ressignifica para explicar o seu presente. Partimos aqui da noção de que diversos são os aspectos que servem como articuladores das concepções de continuação e rupturas da linhagem religiosa adventista, auxiliando em suas necessárias modificações e adaptações no decorrer da história, sempre suscitadas pelo agir moderno e suas demandas. Mas apenas conseguiremos entender essa relação se partirmos dos primórdios da formação de tal movimento.<sup>4</sup>

As correntes de pensamentos coletivos trabalham para sempre recontar a história dos grupos a partir de sua rearticulação com o passado. Dessa maneira, como em qualquer grupo religioso, essa relação dentro do adventismo é intensa e remonta à origem do movimento, que se dará em uma articulação entre o tradicional e o novo, entre a ruptura e a continuação. O adventismo, ao se ver como fiel depositário de outros movimentos anteriores a ele, não apenas consegue entender que os representa, como se vê capaz de mudar várias significações passadas, sempre em sintonia com a necessidade presente. Temos tanto uma ruptura como uma continuação, que, como defende Halbwachs, é inerente às religiões.<sup>5</sup> É dentro dessa lógica que o início do adventismo é lembrado a partir de acontecimentos anteriores à própria fundação do grupo, como uma forma de se continuar a linha sucessória que o conduziu, pelas mãos de Deus, a ser portador de uma mensagem que vem de antes de sua criação e que agora precisa ser pregada a todas as pessoas que ainda não fazem parte do movimento.

Através dos estudos da memória aplicados ao contexto teológico, o presente artigo pretende abordar os pressupostos acima mencionados e os aplicar em um estudo de caso sobre como a interpretação de Apocalipse 10, dentro da formação identitária adventista inicial, foi importante como consolidadora de sua memória. E, a partir dessa estruturação, tal questão se consolidou e ainda hoje é muito importante para o movimento. Começaremos abordando uma

<sup>4</sup> SCHWARZ, Richard W.; GREENLEAF, Floyd. *Portadores de luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2016. p. 13.

<sup>5</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2009.



breve contextualização historiográfica do movimento para, logo em seguida, podermos discutir o objeto propriamente dito da presente pesquisa.

## Por uma historiografia do adventismo

O início do movimento adventista se relaciona à pregação itinerante de William Miller (1782-1849),<sup>6</sup> um fazendeiro de Low Hampton, Nova York – muito embora seja preciso dizer que “entre Miller e a [Igreja Adventista do Sétimo Dia] existem duas décadas de separação doutrinária e de formação”.<sup>7</sup> Esse tempo de separação entre um evento e outro é facilmente preenchido com a pregação de que o adventismo nada mais é do que o portador de uma mensagem tão antiga quanto o próprio agir divino. Não existe, embora baseados em diferentes concepções e ênfases no decorrer dos tempos, uma separação entre esses grupos. Na verdade, segundo o pensamento do movimento, existe uma linha que os une, e isso se dá através de uma concepção historicista das profecias bíblicas e de uma visão linear da história.<sup>8</sup>

Miller pregou pela primeira vez em uma igreja batista, a convite de um sobrinho. Essa ocasião serviu como estopim para sua vida de pregador, carregando consigo uma série de estudos ilustrados sobre as profecias de Daniel.<sup>9</sup> Em seus primórdios, o adventismo presenciou um período de efervescência social poucas vezes encontrado na nação estadunidense. Foi uma época de guerras e anexações de novos territórios naquilo que viria a ser os Estados Unidos geográfico que hoje conhecemos.<sup>10</sup> Além disso, era grande o fluxo migratório, sendo comum cidades triplicarem sua população em menos de um ano.<sup>11</sup> Foram essas as estruturas sociais que prepararam o caminho para o nascimento do movimento milerita e adventista. Não é de se

<sup>6</sup> Sobre Miller, ver FROOM, LeRoy E. *The Prophetic Faith of Our Fathers: The Historical Development of Prophetic Interpretation*. Washington, DC: Review and Herald, 1953. v. 3; FROOM, LeRoy E., *The Prophetic Faith of Our Fathers: The Historical Development of Prophetic Interpretation*. Washington, DC: Review and Herald, 1954. v. 4; KNIGHT George R. *Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005. p. 37-54; NICHOL, Francis D. *The Midnight Cry: A Defense of the Character and Conduct of William Miller and the Millerites, Whom is Takenly Believed that the Second Coming of Christ Would Take Place in the Year 1844*. Washington, DC: Review and Herald, 1945.

<sup>7</sup> SCHÜNEMANN, Haller E. S. *O tempo do fim: uma história social da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil*. 2002. Tese (Doutorado em Ciências Sociais e Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2002. p. 3.

<sup>8</sup> FROOM, 1954, v. 4, p. 463, tradução livre. “*All the affairs of our present state would be wound up.*”

<sup>9</sup> NUMBERS, Ronald L.; BUTLER, Jonathan M. *The Disappointed: Millerism and Millenarianism in the Nineteenth Century*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

<sup>10</sup> DARIUS, Fábio Augusto. *De corpo, alma e espírito: apontamentos históricos e teológicos acerca do tema santificação na obra holística de Ellen White*. 2014. 242 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2014.

<sup>11</sup> GAUSTAD, Edwin S. *The Rise of Adventism*. Grand Rapids: Eerdmans, 1986.



espantar a quantidade de movimentos messiânicos surgidos nesse período, nem mesmo a facilidade com que eles conseguiam seus adeptos, pois havia um forte contexto social para isso.<sup>12</sup>

O principal argumento de Miller se baseava em Daniel 8:14, que declara: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs, e o santuário será purificado.”<sup>13</sup> Seguindo interpretações correntes em sua época, ele interpretou a palavra “santuário” como sinônimo de “planeta Terra”.<sup>14</sup> A expressão “duas mil e trezentas tardes e manhãs”, por sua vez, foi compreendida à luz do princípio dia-ano de interpretação profética (também, então, amplamente aceito entre os protestantes), segundo o qual, nas profecias apocalípticas da Bíblia, um “dia profético” equivale a um ano literal.<sup>15</sup> Aqui não existia grande inovação nas interpretações sugeridas por Miller: ele mais juntou algumas correntes interpretativas do que sugeriu algo realmente distante do que se esperava encontrar dentro das análises de diversos teóricos bíblicos daquela época.<sup>16</sup>

A novidade trazida era a ligação de Daniel 8 à profecia das “70 semanas” (Dn 9:24-27). Miller acreditava que o período das “duas mil e trezentas tardes e manhãs” teve início em 457 a.C., com o decreto do rei persa Artaxerxes I, e concluiu, portanto, que a “purificação do santuário” – isto é, a purificação da Terra por ocasião da segunda vinda de Cristo – ocorreria em 1843. Posteriormente, um de seus seguidores, Samuel, corrigiu os cálculos para outubro de 1844.<sup>17</sup> Nessas duas ocasiões, reuniu-se grande número de adeptos.<sup>18</sup>

Nos registros históricos, o grupo dos seguidores da mensagem de Miller ficou conhecido como o “movimento milerita”. Seus membros apresentavam caráter interdenominacional, não possuindo, portanto, uma organização eclesial formal.<sup>19</sup> Pode-se considerar que a comoção

<sup>12</sup> KNIGHT, George R. *Adventismo: origem e impacto do movimento milerita*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

<sup>13</sup> Ver GOLDSTEIN, Clifford. *1844: uma explicação simples das principais profecias de Daniel*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005. BELVEDERE, Daniel. *Seminário as revelações do Apocalipse*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006; SHEA, William H. *Estudos selecionados em interpretação profética*. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2012.

<sup>14</sup> BULL, Malcolm; LOCKHART, Keith. *Seeking a Sanctuary: Seventh-Day Adventism and the American Dream*. Bloomington: Indiana University Press, 2007. p. 52-53.

<sup>15</sup> SHEA, 2012, p. 73-116.

<sup>16</sup> Ver FROOM, v. 4, 1954.

<sup>17</sup> DAMSTEEGT, P. Gerard. *Foundations of the Seventh-day Adventist Message and Mission*. Grand Rapids: Eerdmans, 1977. p. 84.

<sup>18</sup> FOLLIS, Rodrigo.; COSTA, Samir. Retratos e conflitos de missionários ocidentais na Turquia: análise da revista *Adventist Frontiers*. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 32, n. 3, p. 1-29, set.-dez. 2018. FOLLIS, Rodrigo. Turismo religioso, adventismo e lugares de memória. *Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, Belo Horizonte, v. 16, n. 49, p. 38-65, abr. 2018. DARIUS, Fábio Augusto. *Passos para Cristo*: Ellen G. White e o conceito de santificação. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.

<sup>19</sup> TIMM, Alberto R. Seventh-day Adventist Ecclesiology, 1844-2001: A Brief Historical Overview. In: KLINGBEIL, Gerald A.; KLINGBEIL, Martin G.; NUNES, Miguel Ángel (ed.). *Pensar la iglesia hoy: hacia una*



causada pelo movimento milerita e a sua decorrente mensagem profética representam o *clímax* de um dos maiores reavivamentos religiosos modernos, o “Segundo Grande Reavivamento dos Estados Unidos”, datado entre 1800 e 1830.<sup>20</sup>

É possível argumentar que a comoção iniciada por Miller só foi possível devido ao período de efervescência religiosa pelo qual passavam os protestantes estadunidenses, desde o final do século 18.<sup>21</sup> O inconformismo com o sistema religioso vigente e os movimentos sociais (como de temperança e abolicionismo) contribuíram para o sucesso da pregação profética de Miller justamente por unir, em um único propósito, todas as possíveis expectativas protestantes a respeito do futuro.

Se em praticamente todas as épocas existiu um projeto de futuro, é de se esperar que isso também ocorresse dentro do movimento milerita. Nessa perspectiva, o milerismo “transformou a história em escatologia, encarando o passado como apostasia e o futuro como apocalipse”,<sup>22</sup> feito semelhante ao de muitos dos grupos protestantes existentes em tal período histórico. Essa relação se dá devido à crença moderna de uma sociedade linear-evolutiva, a qual promete que o futuro, devido às transformações, às descobertas e às criações humanas, seria cada vez melhor.<sup>23</sup>

Nesse período em questão, no nascimento do adventismo, a sociedade não nega por completo o processo modernizante, nem abandona o pensamento linear-evolutivo. Apenas começa a colocar em xeque a capacidade humana de conseguir, por si só, alcançar todas as promessas feitas. O futuro era visto dentro de um paradoxo: em um primeiro momento, era possível ver nele um local de esperanças, o qual mostraria uma crença quase que positivista de se esperar uma sociedade na qual teríamos algo melhor do que o passado e o presente. Mas, por outro lado, essa espera acabou conduzindo os grupos mileritas a entrarem em crise com promessas não cumpridas. Ainda existem esperanças de melhorias, mas vemos também desilusões com o que já obtivemos.

---

eclesiologia adventista – estudios teológicos presentados durante el IV Simposio Bíblico-teológico Sudamericano en honor a Raoul Dederen. Libertador San Martín: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2002. p. 285.

<sup>20</sup> MCLOUGHLIN, William G. *Revivals, Awakenings, and Reform*. Chicago: University of Chicago Press, 1978. p. 98-139.

<sup>21</sup> FROOM, 1953, v. 3; FROOM, 1954, v. 4; FROOM, LeRoy E. *Movement of Destiny*. Washington, DC: Review and Herald, 1971.

<sup>22</sup> BUTLER, Jonathan M. From Millerism to Seventh-Day Adventism: “Boundlessness to Consolidation”. *Church History*, v. 55, n. 1, p. 50-64, mar. 1986. p. 52 (tradução livre): “Miller transmuted history into eschatology, seeing the past as apostasy and the future as apocalypse.”

<sup>23</sup> HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva entre os músicos. In: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2009b. p. 191-222.



Ironicamente, a resposta dada à crise moderna aqui suscitada segue a ideia que conduziu à existência de tal crise: a doutrina de um segundo advento de Jesus à Terra estaria ligada, naquele momento, à oportunidade de desconsiderar os erros do passado e instituir um novo começo aos protestantes.<sup>24</sup> A pregação quanto a esses erros estava tão unida às desilusões com a modernidade quanto à promessa moderna de que os instrumentos gerados nessa época seriam capazes de fornecer o futuro almejado. No milerismo vemos a criação de discursos, crenças e utopias que buscam resolver a problemática trazida pelas modificações modernizantes. Prega-se um futuro glorioso através da ciência e da tecnologia, e apregoa-se que isso ocorrerá com a criação e consolidação de um novo país (os EUA), mas enfrenta-se um grande problema de superlotação devido aos fluxos imigratórios e de mudanças fundiárias profundas, cujas soluções podem ser vistas, em parte, através de um discurso religioso escatológico. Consegue-se reunir membros das mais diversas denominações cristãs “porque gravitava[m] em torno de uma única doutrina, a segunda vinda de Cristo”.<sup>25</sup> Esse era um tema de apelo em comum, por ser uma crença tão antiga quanto o próprio cristianismo, embora sendo, vez ou outra, mais ou menos enfatizada. Mas o que importa é ser essa crença ligada diretamente a um projeto de futuro, justamente algo que começa a ser questionado com a crise da modernidade. Questionado em partes, é verdade, afinal, não se renuncia a um projeto de futuro, apenas se coloca em xeque o já alcançado.

A prática de enfatizar um aspecto em detrimento a outro, a depender das necessidades do momento presente, foi algo que Halbwachs demonstrou ter ocorrido ao longo da história do cristianismo.<sup>26</sup> Em um primeiro momento, é interessante notar que Miller e seus adeptos “não tinham quaisquer intenções de se separar das denominações protestantes às quais pertenciam”.<sup>27</sup> Isso torna ainda mais claro que a sua mensagem não era uma nova ênfase, algo totalmente diferente daquela pregada pelas igrejas e vividas socialmente por toda uma geração dentro do contexto histórico daquela época. O fruto que se tinha era um apelo em prol de um corpo de crença facilmente identificado como pertencente ao cristianismo.<sup>28</sup>

Quando o dia 22 de outubro de 1844 chega e Jesus não retorna à Terra, o movimento vive o “Grande Desapontamento”. Temos todas as estruturas de uma desilusão e de um começo mais profundo de ruptura na memória religiosa da época. A data não foi ignorada com o passar

<sup>24</sup> GAUSTAD, 1986.

<sup>25</sup> TIMM, 2002, p. 285.

<sup>26</sup> HALBWACHS, 2009b.

<sup>27</sup> TIMM, 2002, p. 285.

<sup>28</sup> MILLER, Nicholas P. As duas faces do ecumenismo. *Ministério*, jul.-ago., p. 18, 2014.



dos anos, muito pelo contrário; é comum ser lembrada (e até mesmo comemorada), mesmo depois de 150 anos. E aqui entramos no cerne do presente artigo. Como isso ocorreu?

## Rememorização no adventismo: o contexto para interpretar Apocalipse 10

Cabe aqui nos questionar sobre como ocorreu o processo de rememorização (ruptura e continuação) para que um evento traumático passasse a ser considerado um marco de memória, transformando-se de um erro em prova de que o grupo estaria no caminho certo. O movimento foi forçado a modificações profundas, principalmente por ser preciso explicar o equívoco cometido. Para entendermos como esse momento foi traumático para aquela época, devemos considerar que, além da própria decepção religiosa, os crentes mileritas tiveram de enfrentar o sarcasmo de seus contemporâneos.<sup>29</sup> Se a primeira perseguição, ocorrida antes do evento, não forçou os crentes mileritas a buscar uma forma própria de crença, o Grande Desapontamento pode ter sido o início de tal busca.

Miller nunca associou Apocalipse 10:9 ao desapontamento antes de ele ocorrer. Entretanto, no período entre 1798 e 1843, Miller teria anotado: “Apocalipse 10. Abertura do livrinho. Quarenta e cinco anos para o fim.” Para Miller, a segunda vinda de Cristo também possuía relações com o “livrinho” de Apocalipse 10:9. Nesse sentido, Knight enfatiza a interpretação de Miller ao desconsiderar o texto que se segue à citação do livrinho.<sup>30</sup> Mas o que diz esse texto bíblico?

E fui ao anjo, dizendo-lhe: Dá-me o livrinho. E ele disse-me: Toma-o, e come-o, e ele fará amargo o teu ventre, mas na tua boca será doce como mel. E tomei o livrinho da mão do anjo, e comi-o; e na minha boca era doce como mel; e, havendo-o comido, o meu ventre ficou amargo.

Knight afirma que hoje parece óbvio, para os herdeiros da mensagem milerita, que “se o sabor doce na boca refletia a alegria de receber as novas do segundo advento”, então “o amargo deveria estar ligado a algum tipo de desapontamento”. A partir disso, “o capítulo indica que Deus sabia sobre o desapontamento antes mesmo de ele acontecer”. Muitos são os autores adventistas que defendem estarem os olhos de todos os pioneiros fechados para essa interpretação, pois somente assim Deus poderia ensinar uma importante lição de humildade ao seu povo.<sup>31</sup>

<sup>29</sup> William Miller *apud* KNIGHT, 2005, p. 54. Ver também KNIGHT, George R. *1844 and the Rise of Sabbatarian Adventism*. Hagerstown: Review and Herald, 1994; KNIGHT, George R. *Adventismo: origem e impacto do movimento milerita*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

<sup>30</sup> KNIGHT, George R. *A visão apocalíptica e a neutralização do adventismo: estamos apagando nossa relevância?* Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010. p. 35-36.

<sup>31</sup> KNIGHT, 2010, p. 35-36.



Como é evidente, a segunda vinda de Cristo não ocorreu em 1843 nem em 1844. Em decorrência disso, o movimento milerita se fragmentou em vários ramos.<sup>32</sup> Se antes existia alguma unidade entre eles e uma maneira de serem aceitos entre os demais grupos protestantes, a partir desse momento se tem uma ruptura completa. O principal desafio entre eles, no final de 1844 e durante 1845, foi descobrir o significado teológico sobre o que teria ou não ocorrido em 22 de outubro de 1844, seja para se defenderem dos acusadores, seja para justificarem seu desapontamento.<sup>33</sup>

As ramificações do movimento milerita ficaram mais evidentes na *Albany Conference*, ocorrida em 1845, na qual 61 delegados foram convocados para pensarem o movimento, mas discordaram em suas perspectivas teológicas. Conseqüentemente, podiam ser evidenciadas, *grosso modo*, quatro ramificações: os “adventistas evangélicos” (*Evangelical Adventists*), a “Igreja Cristã do Advento” (*Advent Christian Church*), a “União da Vida e do Advento” (*Life and Advent Union*) e os “adventistas do sétimo dia” (*Seventh-day Adventists*). Miller faleceu em 1849, sem se unir oficialmente a nenhuma delas.<sup>34</sup> A ramificação denominada “adventistas do sétimo dia”, depois do desapontamento de 1844, foi composta basicamente de alguns dos ex-membros daquelas igrejas, expulsos por terem abraçado a pregação milerita.<sup>35</sup>

Foi nesse período, por meio da liderança de Tiago White,<sup>36</sup> Ellen G. White<sup>37</sup> e José Bates,<sup>38</sup> que um grupo procurou rever o sistema milerita de interpretação profética. Como todos os demais grupos de adeptos do milerismo, esse buscou explicar racionalmente o erro cometido, o que o conduziu a reconfigurar suas crenças sobre o passado, construindo uma nova narrativa que não se contentou com uma mera resposta, mas se transformou em um importante ponto identitário daqueles que viveram tal desapontamento. A experiência ruim se transformou na preparação do povo de Deus na Terra. Como diria Apocalipse 10, o que antes era doce como mel se tornou amargo. Mas isso começou a mudar justamente através da lembrança de tais acontecimentos pelo movimento adventista.

<sup>32</sup> KNIGHT, 1993, p. 217-325.

<sup>33</sup> KNIGHT, 2005, p. 55.

<sup>34</sup> KNIGHT, 1993.

<sup>35</sup> MAXWELL, C. Mervyn. *História do adventismo*. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1982. p. 24.

<sup>36</sup> Sobre Tiago White, ver a excelente obra de autoria de WHEELER, Gerald. *James White: Innovator and Overcomer*. Hagerstown: Review and Herald, 2005.

<sup>37</sup> Ver DOUGLASS, Herbert E. *Mensagem do Senhor: o ministério profético de Ellen G. White*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

<sup>38</sup> Ver KNIGHT, George R. *Joseph Bates: The Real Founder of Seventh-day Adventism*. Hagerstown: Review and Herald, 2004.





Assim, começou a ser formulado um “sistema” doutrinário após o desapontamento, instrumento textual que deu aos adventistas fronteiras delimitadas acerca de seu papel no mundo, servindo como importante marco identitário.<sup>39</sup> Podemos dizer que foi como uma tentativa de corrigir os erros cometidos que a IASD desconsiderou a interpretação anterior acerca de Daniel 8:14 e estabeleceu um novo sistema lógico a respeito do segundo advento.<sup>40</sup> Após o “desapontamento”, um novo texto bíblico é inserido na discussão, Apocalipse 10:10, interpretado em um processo simultâneo de ruptura com o evento de 1844 e de aceitação dele.<sup>41</sup>

### Consolidação da memória no movimento adventista

Acreditamos ser possível pensar as reflexões bíblico-discursivas aqui assinaladas, seja Daniel 8:14, Apocalipse 10 ou mesmo Apocalipse 14 ou 18:3-4, como uma nova constituição devido a um evento traumático (o desapontamento). É imprescindível analisar tais textos, isso se nosso objetivo for pensar a formação do adventismo através da transmissão de sua memória e como isso contribuiu para a construção atual da identidade do movimento. Propomos, dessa forma, pensar aquilo que Halbwachs afirma ser a essência da religião: um grande jogo da memória. E para ser vitorioso nessa competição, é preciso que o grupo articule suas novas crenças (rupturas) a partir dos “velhos marcos” (continuidades).<sup>42</sup>

Quando pensamos essa realidade para os processos de construção da memória coletiva que, para Halbwachs, era a razão da coesão social, entendemos que o processo social sempre será uma (re)construção tencionada. Um ato vinculado à lembrança de eventos passados que, ao mesmo tempo que busca lembrar as experiências históricas, gera novas memórias, visões de mundo, crenças, posicionamentos e auxilia no apagamento de outras formas de se ver e perceber esse passado.<sup>43</sup>

Essa “luta” revela que a cultura/memória sempre será uma questão de reconhecimento e pertencimento fronteiriço; uma disputa do dentro-e-fora, do aceito e do recusado, do lembrado e do esquecido. É importante que determinado pensamento e/ou crença consiga se adaptar, mas sem perder o que o torna diferente dos demais. As manifestações culturais passam por três estágios: “o momento da explosão originária, o momento da sua construção nos mecanismos da

<sup>39</sup> TIMM, Alberto R. *O santuário e as três mensagens angélicas*: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2000. p. 58.

<sup>40</sup> LOUGHBOROUGH, John N. *O grande movimento adventista*. Engenheiro Coelho: Adventist Pioneer Library, 2014. p. 149-159.

<sup>41</sup> Ver KNIGHT, 1993.

<sup>42</sup> HALBWACHS, 2009b.

<sup>43</sup> HALBWACHS, 2009a; HALBWACHS, 2009b.



consciência e o momento da sua rearticulação nos mecanismos da memória”.<sup>44</sup> Podemos ver isso rearticulado dentro do desenvolvimento teológico do adventismo. Depois do desapontamento, a “explosão” da espera, como primeiro estágio, precisou ser (re)construída, na busca de um novo significado que explicasse o erro vivido pelo grupo.

Foi preciso se rearticular uma nova crença como forma de justificativa profética para o erro de se marcar uma data. Apocalipse 10 e a visão do livrinho amargo abriram caminho para essa nova interpretação. Ela mostra claramente como o processo de fronteiras identitárias funciona dentro das tensões entre o tradicional (indicado pela crença e os modelos de interpretação espelhados pelo grupo) e o novo (o próprio desapontamento e a necessidade de uma resposta a ele). A dinâmica da memória se mostra no simples fato de ser rearticulada constantemente, ainda mais em momentos de alta tensão identitária, como foi o desapontamento.

Apocalipse 10, no contexto de busca por respostas para o desapontamento, abre caminhos para o entendimento adventista de Apocalipse 14, texto com o qual o movimento estabeleceria um sistema profético e um novo senso identitário e missiológico. Aqueles primeiros adventistas, ainda desiludidos, acreditaram que haviam sido chamados pelo Espírito Santo, o qual iluminaria a Terra com sua glória (Ap 18:1) e reuniria o povo de Deus.<sup>45</sup> Entre os adventistas do sétimo dia, conta-se que Hiram Edson, ao andar por um milharal, foi surpreendido por uma iluminação espiritual na qual viu a figura de Jesus Cristo oficiando em um santuário quando passava do ambiente santo para o santíssimo.<sup>46</sup> A experiência relatada foi utilizada pelo movimento como um sinal de que, na verdade, Daniel 8:14 não se relacionava ao segundo advento, mas à função sacerdotal de Jesus Cristo no ambiente celestial, que teria mudado a partir de 22 de outubro de 1844.<sup>47</sup> Nas palavras do próprio Edson:

Detive-me em meio ao campo. O céu parecia-me abrir à vista, e vi distinta e claramente que em lugar de nosso Sumo Sacerdote sair do Lugar Santíssimo do santuário celestial para vir à Terra [em 22 de outubro], [...] ele pela primeira vez entrava nesse dia no segundo compartimento desse santuário; e que ele tinha uma obra para realizar no Santíssimo antes de vir à Terra.<sup>48</sup>

Esse acontecimento foi denominado entre os adventistas como “Cleópas do milharal”. O evento motivou alguns do movimento a formar grupos de estudo bíblico a fim de compreender o

<sup>44</sup> HENN, Ronald. A memória da arte na semiosfera midiaticizada. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SEMIÓTICA, 3, 2007, Vitória. *Anais do congresso*. Vitória: ABES, 2007.

<sup>45</sup> TIMM, 2018; KNIGHT, 2010; MAXWELL, 1982.

<sup>46</sup> BULL; LOCKHART, 2007, p. 75-76.

<sup>47</sup> GUY, Fritz. Theology. In: AAMODT, Terrie Dopp; LAND, Gary; NUMBERS, Ronald L. (org.) *Ellen Harmon White: American Prophet*. New York: Oxford University Press, 2014. p. 153.

<sup>48</sup> *Apud* MAXWELL, 1982, p. 51.



significado teológico do evento, especialmente aquele liderado por Hiram Edson e O. R. L. Crosier no oeste do estado de Nova York.<sup>49</sup> Para alguns dos crentes mileritas, Deus, de fato, não havia abandonado os fiéis estudiosos da Bíblia, guiando-os passo a passo em suas descobertas teológicas. Ellen White, cofundadora da denominação, já em um de seus primeiros textos publicados chancelou a percepção de Edson e vinculou a missão e identidade dos adventistas do sétimo dia à guarda dos mandamentos de Deus, ressaltando o sábado. Segundo White,

Vi que Jesus tinha fechado a porta no Santo Lugar, e ninguém pode abri-la; e que ele abriu a porta no Santíssimo, e ninguém pode fechá-la; e que, uma vez que Jesus abriu a porta no Lugar Santíssimo, que contém a arca, os mandamentos têm brilhado para o povo de Deus e estão sendo testados na questão do sábado.<sup>50</sup>

A conversão protestante, na época dos grandes despertamentos estadunidenses (do qual o milerismo é fruto), pode ser vista como uma volta do “indivíduo ao modelo burguês vitoriano acompanhado da ética do trabalho apropriada à *ideologia do progresso*”.<sup>51</sup> Sanchis, ao falar acerca da “modernidade”, mostra que essa ideia está intimamente ligada ao conceito de progresso, evolução. Para o autor, o período moderno é “a representação ideal do indivíduo portador de uma razão única, de uma decisão soberana, que se exerce nos quadros de uma lógica universal”. No auge da ciência moderna, delimitava-se a atitude científica à busca de conhecimentos de leis e princípios que regessem e controlassem toda a realidade. A modernidade trouxe avanços e melhorou o mundo, principalmente através de invenções que deram mais conforto à vida humana.<sup>52</sup> É esse desenvolvimento que Mendonça chama de ideologia do progresso.<sup>53</sup> Todavia, alguns autores veem na exacerbação desse pensamento uma das causas da fragmentação do modernismo.<sup>54</sup>

É interessante notar que a modernidade pode ser acusada de produzir grupos de livres interpretações de textos e livros místicos/religiosos. Aqui vemos a tensão entre “a letra que mata” e o “espírito que vivifica”, que ficou como marca principal de novos reavivamentos

<sup>49</sup> WHITE, Arthur L. *Ellen White: mulher de visão*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015. p. 27.

<sup>50</sup> WHITE, Ellen G. Dear brethren and sisters. *Present Truth*, n. 3, p. 1, ago. 1849. p. 1. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/en/book/517.1#7>. Acesso em: 15 out. 2021.

<sup>51</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 75, set.-nov. 2005. Ver MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Introdução do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2002.

<sup>52</sup> SANCHIS, Pierre. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (org.). *Globalização e religião*. São Paulo: Vozes; Porto Alegre: UFRGS, 1997. p. 103-115.

<sup>53</sup> MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: EdUSP, 2012.

<sup>54</sup> BERGER, Peter; ZIJDERVELD, Anton. *Em favor da dívida: como ter convicções sem se tornar um fanático*. São Paulo: Campus, 2012.



religiosos, criando-se conflitos entre a racionalidade do protestantismo, de um lado, e o misticismo emocional de grupos pentecostais, do outro.<sup>55</sup> São perceptíveis tanto a influência do pietismo na formação das ideias mileritas, conseqüentemente influenciando também o pensamento da IASD, quanto a ênfase em uma busca racional por entender a Bíblia. Se tal associação pode parecer paradoxal, aqui acusamos que ambas trabalhariam como respostas da modernidade recente aos problemas suscitados por ela mesma. O adventismo sempre travou lutas para definir qual dos dois, emoção ou razão, acaba por ganhar predominância em seu discurso.

O milerismo atribuiu grande importância a uma pregação racionalista baseada na leitura e na busca pela “correta” interpretação do texto bíblico. Staples faz uma interessante análise do movimento epistemológico defendido por Miller, para quem a razão deveria ter grande importância em qualquer interpretação da Bíblia.<sup>56</sup> De acordo com Rowe, “a memória pública da conversão de Miller, uma memória que ele e seus colegas adventistas mais próximos elaboraram, fazem disso [a razão] uma revolução<sup>57</sup>, uma vitória da fé sobre o ceticismo”.<sup>58</sup> O próprio Miller afirmou ser a Bíblia “um novo livro. Ela é, na verdade, uma festa da razão”.<sup>59</sup>

Por nascer no século 19, o qual se vê tomado pela expansão da ciência e pelo pensamento modernista, é fácil entender as razões da tradição que o movimento tem em buscar sistemas lógicos para formular crenças e transmitir as memórias acumuladas.<sup>60</sup> Também é possível enxergar como a crise da modernidade trabalha com o grupo, o qual aceita crenças consideradas “mágicas”.<sup>61</sup> É interessante notar esse paradoxo em funcionamento: Hiram Edson tem uma experiência espiritual e ela abre caminhos para estudos mais profundos que a comprovem racionalmente pela Bíblia.<sup>62</sup>

<sup>55</sup> MENDONÇA, 2012, p. 78; CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos e mídia no Brasil: uma história de acertos e desacertos. *Rever – Revista de Estudos da Religião*, n. 3, p. 1-26, 2008. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv3\\_2008/t\\_campos.pdf](https://www.pucsp.br/rever/rv3_2008/t_campos.pdf). Acesso em: 15 out. 2021.

<sup>56</sup> STAPLES, Robert. L. Adventism. In: DAYTON, Donald W.; JOHNSTON, Robert K. (Ed.). *The Variety of American Evangelicalism*. Downers Grove: InterVarsity, 1991. p. 58.

<sup>57</sup> HATCH, Nathan. O. Millennialism and Popular Religion in the Early Republic. In: SWEET, Leonard I. (Ed.). *The Evangelical Tradition in America*. Macon: Mercer Press, 1984. p. 189.

<sup>58</sup> ROWE, David L. *God's Strange Work: William Miller and the End of the World*. Grand Rapids: Eerdmans, 2008. p. 69.

<sup>59</sup> *Apud* BLISS, Silvester. *Memoirs of William Miller: Generally Known as a Lecture on the Prophecies, and the Second Coming of Christ*. Boston: Joshua V. Himes, 1853. p. 76-77.

<sup>60</sup> FUCKNER, Ismael. A Igreja Adventista do Sétimo Dia entre a modernidade e a pós-modernidade. *Mosaico*, Goiânia, v. 5, p. 160, 2012.

<sup>61</sup> HERVIEU-LÉGER, Daniele. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

<sup>62</sup> MENDONÇA, 2012, p. 75.



## Considerações finais

Tudo que temos argumentado até aqui, principalmente as rupturas e as continuidades da memória coletiva, constroem o pano de fundo para que, em 1860, a “Igreja Adventista do Sétimo Dia” seja oficializada. E é dentro do contexto de interpretação de Apocalipse 10 que tal processo identitário se inicia, permitindo a posterior construção dessas fronteiras no movimento adventista. Para que isso pudesse ocorrer, foi atribuído o caráter de direção divina às experiências sobrenaturais de Ellen White. Isso ocorreu também na interpretação, abalizada por ela, de Apocalipse 10 e da experiência de Hiram Edson no milharal. É possível, a partir da citação a seguir, verificar como essa interpretação foi, claramente, uma instrumentalização para a rememoração aqui explanada:

A mensagem de Apocalipse 14, proclamando que é vinda a hora do juízo de Deus, é dada no tempo do fim; e o anjo de Apocalipse 10 é apresentado como tendo um pé no mar e outro em terra, mostrando que a mensagem será levada a terras distantes [...]. Essa mensagem anuncia o fim dos períodos proféticos. O desapontamento dos que esperavam ver o Senhor em 1844 foi na verdade amarga para os que haviam tão ardentemente antecipado seu aparecimento. Achava-se no desígnio do Senhor que viesse esse desapontamento e se revelassem os corações. Não baixa sobre a igreja nenhuma nuvem para a qual Deus não esteja preparado; nenhuma força oponente se tem erguido para opor-se à obra de Deus, que ele não haja previsto. Tudo tem ocorrido como ele predisse por meio de seus profetas. Não tem deixado sua igreja em trevas, abandonada, mas traçou em declarações proféticas o que havia de acontecer, e mediante suas providências, agindo no lugar indicado na história do mundo, ele executou aquilo que seu Santo Espírito inspirara os profetas a predizerem.<sup>63</sup>

Assim, podemos perceber que, após um desapontamento devido a uma falha de interpretação, o movimento adventista acabou se consolidando a partir de uma reinterpretação da mensagem de Apocalipse 10. Afinal, esse texto deu ao movimento a certeza de que Deus, nas palavras de sua fundadora, não deixou sua “igreja em trevas, abandonada”.<sup>64</sup> E é justamente isso que o presente artigo tem chamado de rememoração teológica adventista a partir de Apocalipse 10.

## Referências

- BELVEDERE, Daniel. *Seminário as revelações do Apocalipse*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.
- BERGER, Peter; ZIJDERVELD, Anton. *Em favor da dívida: como ter convicções sem se tornar um fanático*. São Paulo: Campus, 2012.
- BLISS, Silvester. *Memoirs of William Miller: Generally Known as a Lecture on the Prophecies, and the Second Coming of Christ*. Boston: Joshua V. Himes, 1853.

<sup>63</sup> WHITE, Ellen G. *Mensagens escolhidas*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000. v. 1, p. 107-108.

<sup>64</sup> WHITE, 2000, p. 108.



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –  
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

- BULL, Malcolm; LOCKHART, Keith. *Seeking a Sanctuary: Seventh-Day Adventism and the American Dream*. Bloomington: Indiana University Press, 2007.
- BUTLER, Jonathan M. From Millerism to Seventh-Day Adventism: “Boundlessness to Consolidation”. *Church History*, v. 55, n. 1, p. 50-64, mar. 1986.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos e mídia no Brasil: uma história de acertos e desacertos. *Rever - Revista de Estudos da Religião*, n. 3, p. 1-26, 2008. Disponível em: [https://www.pucsp.br/rever/rv3\\_2008/t\\_campos.pdf](https://www.pucsp.br/rever/rv3_2008/t_campos.pdf). Acesso em: 15 out. 2021.
- DAMSTEEGT, P. Gerard. *Foundations of the Seventh-day Adventist Message and Mission*. Grand Rapids: Eerdmans, 1977.
- DARIUS, Fábio Augusto. *De corpo, alma e espírito: apontamentos históricos e teológicos acerca do tema santificação na obra holística de Ellen White*. 2014. 242 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2014.
- DARIUS, Fábio Augusto. *Passos para Cristo: Ellen G White e o conceito de santificação*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019.
- DOUGLASS, Herbert E. *Mensageira do Senhor: o ministério profético de Ellen G. White*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- FOLLIS, Rodrigo. Turismo religioso, adventismo e lugares de memória. *Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, Belo Horizonte, v. 16, n. 49, p. 38-65, abr. 2018.
- FOLLIS, Rodrigo; COSTA, Samir. Retratos e conflitos de missionários ocidentais na Turquia: análise da revista Adventist Frontiers. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 32, n. 3, p. 1-29, set.-dez. 2018.
- FROOM, LeRoy E. *The Prophetic Faith of Our Fathers: The Historical Development of Prophetic Interpretation*. Washington, DC: Review and Herald, 1953. v. 3.
- FROOM, LeRoy E. *The Prophetic Faith of Our Fathers: The Historical Development of Prophetic Interpretation*. Washington, DC: Review and Herald, 1954. v. 4.
- FROOM, LeRoy E. *Movement of Destiny*. Washington, DC: Review and Herald, 1971.
- FUCKNER, Ismael. A Igreja Adventista do Sétimo Dia entre a modernidade e a pós-modernidade. *Mosaico*, Goiânia, v. 5, p. 159-169, 2012.
- GAUSTAD, Edwin S. *The Rise of Adventism*. Grand Rapids: Eerdmans, 1986.
- GOLDSTEIN, Clifford. *1844: uma explicação simples das principais profecias de Daniel*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- GUY, Fritz. Theology. In: AAMODT, Terrie Dopp; LAND, Gary; NUMBERS, Ronald L. (org.). *Ellen Harmon White: American Prophet*. New York: Oxford University Press, 2014. p. 147-159.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2009a.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva entre os músicos. In: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2009b. p. 191-222.
- HATCH, Nathan. O. Millennialism and Popular Religion in the Early Republic. In: SWEET, Leonard I. (Ed.). *The Evangelical Tradition in America*. Macon: Mercer Press, 1984. p. 85-98.



- HENN, Ronaldo. A memória da arte na semiosfera midiaticizada. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SEMIÓTICA, 3, 2007, Vitória. *Anais do congresso*. Vitória: ABES, 2007. p. 1-10.
- HERVIEU-LÉGER, Daniele. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- KNIGHT, George R. *Millennial Fever and the End of the World*. Boise: Pacific Press, 1993.
- KNIGHT, George R. *1844 and the Rise of Sabbatarian Adventism*. Hagerstown: Review and Herald, 1994.
- KNIGHT, George R. *Joseph Bates: The Real Founder of Seventh-day Adventism*. Hagerstown: Review and Herald, 2004.
- KNIGHT, George R. *Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- KNIGHT, George R. *A visão apocalíptica e a neutralização do adventismo: estamos apagando nossa relevância?* Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.
- KNIGHT, George R. *Adventismo: origem e impacto do movimento milenarista*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.
- LOUGHBOROUGH, John N. *O grande movimento adventista*. Engenheiro Coelho: Adventist Pioneer Library, 2014.
- MAXWELL, C. Mervyn. *História do adventismo*. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1982.
- MCLOUGHLIN, William G. *Revivals, Awakenings, and Reform*. Chicago: University of Chicago Press, 1978.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Introdução do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2002.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 48-67, set.-nov. 2005.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: EdUSP, 2012.
- MILLER, Nicholas P. As duas faces do ecumenismo. *Ministério*, p. 12-16. jul.-ago. 2014.
- NICHOL, Francis D. *The Midnight Cry: A Defense of the Character and Conduct of William Miller and the Millerites, Whom is Takenly Believed that the Second Coming of Christ Would Take Place in the Year 1844*. Washington, DC: Review and Herald, 1945.
- NUMBERS, Ronald L.; BUTLER, Jonathan M. *The Disappointed: Millerism and Millenarianism in the Nineteenth Century*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.
- OLIVEIRA FILHO, J. J. Formação histórica do movimento adventista. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 157-179, dez. 2004.
- ROWE, David L. *God's Strange Work: William Miller and the End of the World*. Grand Rapids: Eerdmans, 2008.
- SANCHIS, Pierre. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (org.). *Globalização e religião*. São Paulo: Vozes; Porto Alegre: UFRGS, 1997. p. 103-115.



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –  
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

SCHÜNEMANN, Haller E. S. *O tempo do fim: uma história social da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil*. 2002. Tese (Doutorado em Ciências Sociais e Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2002.

SCHWARZ, Richard W.; GREENLEAF, Floyd. *Portadores de luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2016.

SHEA, William H. *Estudos selecionados em interpretação profética*. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2012.

SMITH, Uriah. Introdução. In: WHITE, Ellen G. *Patriarcas e profetas*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007. p. 19-32.

STAPLES, Robert. Adventism. In: DAYTON, Donald W.; JOHNSTON, Robert K. (Ed.). *The Variety of American Evangelicalism*. Downers Grove: InterVarsity, 1991. p. 113-134

TIMM, Alberto R. *O santuário e as três mensagens angélicas: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas*. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2000.

TIMM, Alberto R. Seventh-day Adventist Ecclesiology, 1844-2001: A Brief Historical Overview. In: KLINGBEIL, Gerald A.; KLINGBEIL, Martin G.; NUÑES, Miguel Ángel (ed.). *Pensar la iglesia hoy: hacia una eclesiología adventista*. Libertador San Martín: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2002. p. 283-302

TIMM, Alberto R. *O santuário e as três mensagens angélicas: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas*. 7. ed. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2018.

WHEELER, Gerald. *James White: Innovator and Overcomer*. Hagerstown: Review and Herald, 2005.

WHITE, Arthur L. *Ellen White: mulher de visão*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

WHITE, Ellen G. Dear brethren and sisters. *Present Truth*, n. 3, p. 1, ago. 1849. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/en/book/517.1#7>. Acesso em: 15 out. 2021.

WHITE, Ellen G. *Mensagens escolhidas*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000. v. 1.